

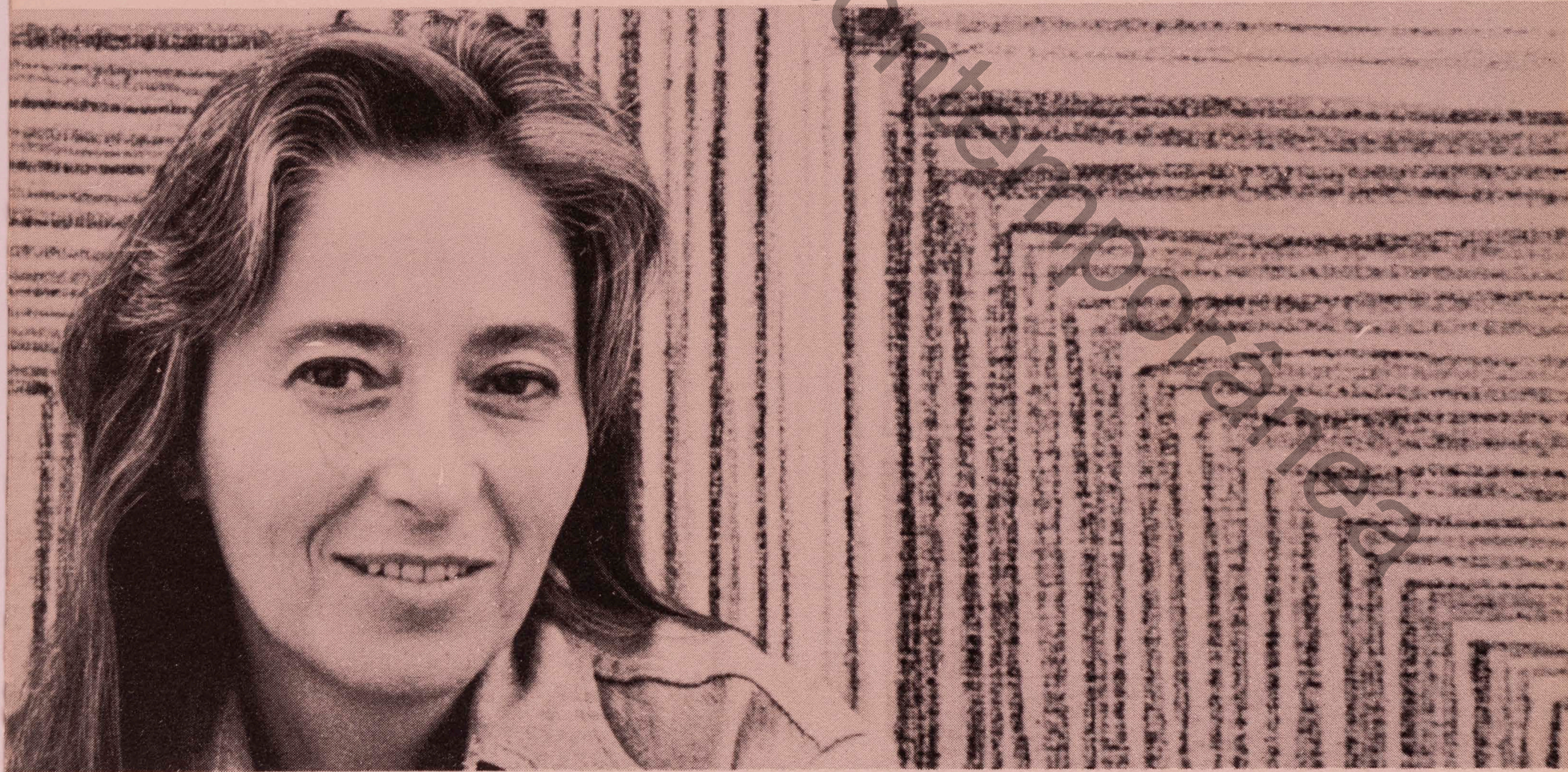
MYRA

20

MARÇO

73

LANDAU





Reencontro com Myra Landau e sua pintura, passados 17 anos, quando enfocamos seu trabalho na mesma **Petite Galerie**, que então dava passos incertos e pioneiros na pequena sede da Avenida Atlântica. Artista e galeria cresceram — e muita coisa aconteceu desde aqueles tempos mais idealistas. Entre a pintura algo ingênua de 1956 e a pintura gráfica de 1973, Myra Landau alcançou uma grande maturidade, que não chegou, entretanto, a modificar totalmente certas variantes da personalidade da artista, como ocorre com temperamentos mais inconstantes ou instáveis.

Cada vez menos crente no mito da **originalidade** e sem curtir superstições historicistas ou tecnicistas, o que nos parece claro, é o grau de cultura artística de Myra Landau, cujos trabalhos refletem identificações lisonjeiras, reformulados com acentuado individualismo, porém sempre universalista: sua atual pintura, por mais que insistam seus analistas mexicanos, não é nem romena, nem brasileira, nem mexicana, embora deste país guarde uma vaga atmosfera de alguns tecidos, mas sem as figurações. Com um pé no abstracionismo posterior à II Guerra e outro na sua imaginação, num mundo a explorar, a arte de Myra Landau mantém reflexos positivos dos grandes artistas da densa cosmogonia de linhas, traços, tramas, jogo linear e notas de cor vibrantes — quase mosaicos —, fazendo pensar em Dorazio, Vieira da Silva, Hartung e um certo Volpi mesmo.

O resultado disso tudo é uma pintura de vigoroso porém sutil grafismo, contido por jogos cromáticos mais estáticos, um processo estrutural desenvolvido numa área sem dimensões clássicas — com ou sem limites — e a afirmação surpreendente de ritmos e movimentos ligados a uma aspiração dialética de espaço-tempo, várias vezes bem alcançadas. Myra Landau parece fazer uma verificação constante, um exame-crítico da linguagem de sua trama, que freqüentemente conduz ao infinito, ao intemporal. Através de linhas paralelas ou cruzadas, regulares e irregulares na espessura, tensa ou branda, supera pequenas áreas, episódios desnecessários. Procura sempre fugir à simetria, à “composição” mesmo, ao clássico centro focal, embora seus resíduos surrealistas conduzam a centros de labirintos organizados, quase fugas, que numa singular formulação **op-tical** alcançam uma terceira dimensão, sem apelações ao **trompe l'oeil** tão usado pelo veio surrealista. Também o problema do formato, da ocupação da área “precisa” da tela, para a pintora não tem maior importância. Freqüentemente ela acentua esse aspecto concluindo ou avançando a trama para além da própria moldura, neste último caso de maior interesse.

Com estas e outras características plásticas, valorizadas por uma deliberada sobriedade de materiais — a tela bem preparada com uma textura rica e até áspera, o lápis-cera e o pastel fixado —, Myra Landau desenvolve mais linearidades do que efeitos tonais fáceis. No conjunto, visto em condições pouco favoráveis, Myra estimula a percepção visual e outras, tornando legível o seu individualismo criativo dentro de uma gramática universal. Especialmente nos desenhos a nanquim, a fina linearidade estrutural torna-se mais intensa, sem os apoios plásticos e sensuais de sua matéria — e a personalidade de Myra Landau ganha muito em qualidade e em liberdade.

JAYME MAURÍCIO

17 years ago we met Myra Landau and her painting at the same **Petite Galerie**. Both the artist and the gallery are now grown up. From the naive painter of 1956 to the vigorous graphist of 1973, there came a solid maturity that did not totally alter her personality — as it is rather usual to happen.

Believing not too much in the myth of “originality” and giving ear neither to historicist superstitions nor to technicist prejudices, we are above all convinced of Myra Landau’s artistic and cultural achievement. Her painting, no matter what her Mexican analysers insist on saying, is not specifically Rumanian, Brazilian or Mexican. Half-way from post-World War II abstractionism, half-way from the world itself, Myra’s art keeps positive reflexes of some great painters with a dense cosmogony of lines, touches, strokes and colourful notes, almost like mosaics — reminding thus Vieira da Silva, Hartung, Dorazio and even a special Volpi.

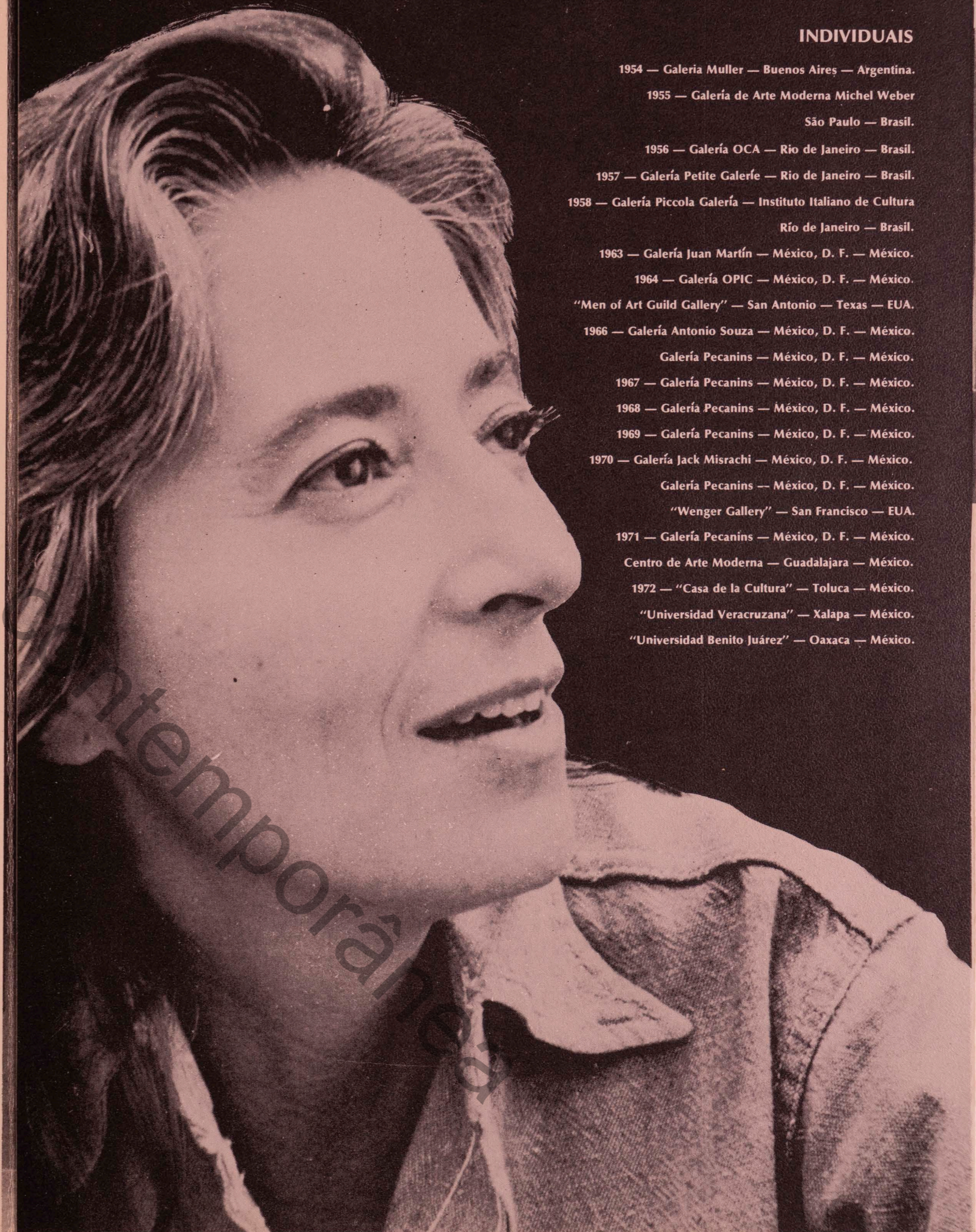
Her toughish graphism is restrained by some less static chromatic games. This structural process is developed inside an area virtually undimensioned. Rhythms and movements surprisingly affirm a dialectic of space and time. Myra seems to verify very particularly the language of her texture, which often leads to the infinite and to the timeless. Parallel and crossed lines, sometimes tense, sometimes smooth, overcome small areas. The artist runs from simmetry and from “composition”, though her surrealist tinctures lead to centers of movement (almost fugues) trying to reach an optical third dimension. The size of the frame offers no problem for her and suggest an extensiveness far beyond its limits.

These plastic characteristics are enforced by a deliberate soberness as to materials: the canvas is prepared with a certain roughness, a wax-pencil is used, pastel is fixed to develop rather linearities than easy tonal effects, and so on. Myra Landau stimulates several other forms of perceptions besides the visual one and expresses her creative individualism inside a universal grammar. In her drawings without any support of sensual elements, Myra Landau’s personality gains in quality and in liberty.

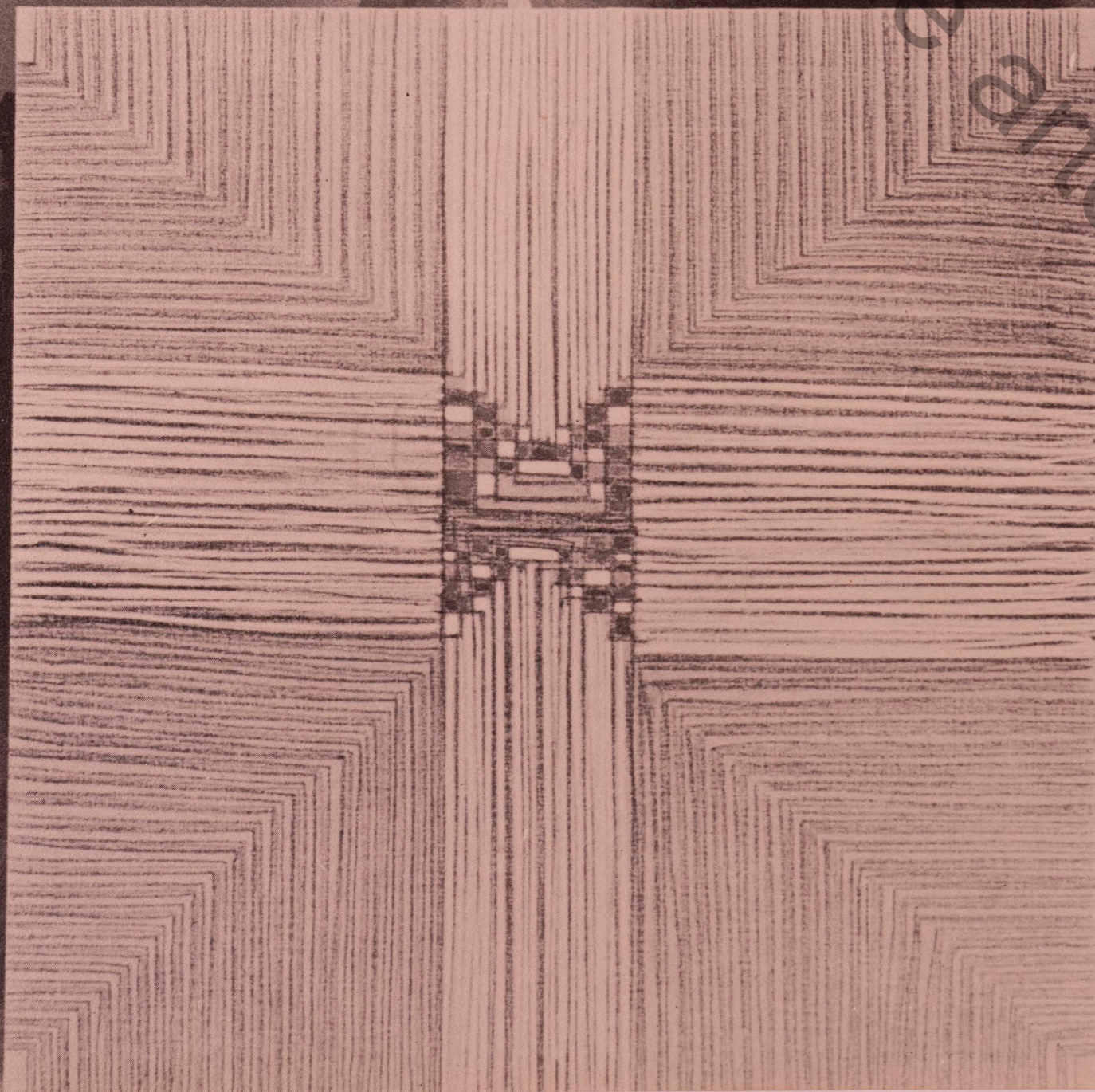
JAYME MAURÍCIO

## INDIVIDUAIS

- 1954 — Galería Muller — Buenos Aires — Argentina.  
1955 — Galería de Arte Moderna Michel Weber  
São Paulo — Brasil.  
1956 — Galería OCA — Rio de Janeiro — Brasil.  
1957 — Galería Petite Galerie — Rio de Janeiro — Brasil.  
1958 — Galería Piccola Galería — Instituto Italiano de Cultura  
Rio de Janeiro — Brasil.  
1963 — Galería Juan Martín — México, D. F. — México.  
1964 — Galería OPIC — México, D. F. — México.  
“Men of Art Guild Gallery” — San Antonio — Texas — EUA.  
1966 — Galería Antonio Souza — México, D. F. — México.  
Galería Pecanins — México, D. F. — México.  
1967 — Galería Pecanins — México, D. F. — México.  
1968 — Galería Pecanins — México, D. F. — México.  
1969 — Galería Pecanins — México, D. F. — México.  
1970 — Galería Jack Misrachi — México, D. F. — México.  
Galería Pecanins — México, D. F. — México.  
“Wenger Gallery” — San Francisco — EUA.  
1971 — Galería Pecanins — México, D. F. — México.  
Centro de Arte Moderna — Guadalajara — México.  
1972 — “Casa de la Cultura” — Toluca — México.  
“Universidad Veracruzana” — Xalapa — México.  
“Universidad Benito Juárez” — Oaxaca — México.







Uma linha que obsessivamente pesquisasse um labirinto, que se fosse construindo na tridimensionalidade ilusória de uma pirâmide de vidro (da qual se percebesse apenas a estrutura monocórdica e progressiva); ainda sob a égide da linha os elementos decorativos de um friso imaginário, os espaços de interferências gráficas e ritmos descontínuos (mas sempre a evolução de uma arquitetura transparente e fluida); a "clarividência das sensações": Myra Landau. Nascida na Romênia, uma vida inteira no Brasil, depois o México. Participante do movimento de vanguarda mexicano, com exposições coletivas ao lado de Canogar, Buñuel, Cuevas, Sakai, Omar Rayo, Tamayo, etc. Estudos de gravura no Brasil com Oswaldo Goeldi. Contrapõe a paciência da tiragem ao trabalho sobre a chapa em si: rumo de oxidações naturais ou provocadas, substituindo um estágio de pintura de caráter expressionista. Finalmente a volta ao Brasil com a pesquisa mais recente, e cuja essência tentamos definir ao iniciar esta apresentação. Sobretudo, nesta ciência da linha espontânea e intensa, uma imagética americana, précolombiana, cintilante como uma rede de arame sob cúpulas de ar. Vejam as pirâmides incaicas, os motivos decorativos dos velhos tecidos astecas, tudo com a sutileza de uma artista sensivelmente popular e aventurosamente racional. Esta exposição, que a Petite Galerie em boa hora nos traz, revela uma Myra Landau em vários timbres de um mesmo canto: a linha pura, espontaneamente paralela, forjando sobreposições naturais de formas geométricas e construtivistas; a variação tonal da linha, abrindo-se sob a simples pressão do instrumento, ou adquirindo superfície pela superposição do risco passado sobre si mesmo após a aventura de um singelo labirinto; a cor brotando como sinalização, referência espacial, como cidade que despertasse de uma tela de névoa, revelando apenas o contorno de seu desenho e o calor de sua luz. Pinturas para serem vistas de longe, favorecidas pela distância, pela ativação de um exercício ótico à procura de uma realidade universalista a partir de raízes nitidamente americanas. Myra Landau realizando as primícias desta aventura, numa terra de pintores telúricos, transfiguradores do óbvio e do pitoresco. Uma artista sutil, caligráfica, orientalista no cuidado com que trata e transpõe a natureza. No entanto visceralmente americana, no mais alto grau de regionalismo que é a percepção transcendente do fato histórico e local. Do México ela diria "agora aqui, cercada de montanhas, de linhas" — tudo conduzindo a uma nova visão, inesperada visão, dos horizontes andinos.

Sua obra aqui exposta contesta as categorias tradicionais. Tendo pintado, depois exercido a gravura, passando para a atenção sobre a chapa onde reiventava a pintura, finalmente desenvolvendo um grafismo no suporte da pintura, Landau parecia querer fundir o instrumento ao seu antípoda, numa atitude permanentemente revolucionária em termos de criação. Suas telas de hoje são depoimentos do mais puro grafismo, são linhas dinamizadas no espaço cromatizado, num esquema de pontos de junção das linhas diretrizes. O ponto e a linha, origem de toda a aventura no plano visual, são os lances de dados da comunicação de Myra Landau. Lúdica, lúcida, em trânsito, e sobretudo atenta à contemporaneidade da linguagem, esquematizando ou diagramando a página de sua escritura poética.

WALMIR AYALA

An obstinate line researches and builds a labyrinth inside the delusory tridimensionality of a glass pyramid. Under the permanent shield of line, spaces of graphic interferences and discontinuous rhythms constitute the decorative elements of an imaginary frieze. Insight of sensations: that is what Myra Landau's art is.

She was born in Rumania, and her whole life was spent at first in Brazil, then in Mexico. She used to be a participant of Mexican avant-garde movement, side by side with Canogar, Buñuel, Cuevas, Sakai, Omar Rayo, Tamayo and others. Her engraving studies were made in Brazil, under Oswaldo Goeldi's orientation. At that time she was proposing some kind of a substitution for an expressionist-like painting. She finally returned to Brazil, to her most recent researches, with substance we have tried to define above. In this so-called science of spontaneous intense line, an American pre-Columbus imagery scintillates like a wire-net under atmospheric domes. Look to the Inca pyramids, to the decorative motives from ancient Aztec weavings, everything has the subtleness of a sensitively popular, rationally adventurous artist. Pure line forges natural overexposition of geometrical constructive shapes. Tonal colour allows line to open itself, by means of self-superposition, after the course of a simple labyrinth. Colour emerges as a space reference sign, like a town that would be awaking from a canvas of smog. Myra's paintings are to be seen at a distance, in order to be favoured by the distance itself and by the optical exercise in search of a universal actuality with pure American roots.

Myra Landau, a subtle and careful orientalist-calligraphic artist, accomplished this adventure in the very land of telluric painters. About Mexico she would say "now here, surrounded by mountains, by lines". Her work denies conventional categories. Painting, engraving, re-inventing painting through the plate, finally developing graphism, Landau seemed to want to fuse her tool and its antipode, in an attitude which might be called permanently revolutionary, in terms of creation. Her present canvases are testimonies of the purest graphism. They mean dynamic lines on chromatic space in a schedule of conjunction points of directing lines. Point and line — the origins of her whole visual adventure — are the throws of the dice of Myra Landau's communications.

Playful, lucid, always in progress, watchful towards language's up-to-dateness, she goes on designing the pages of her poetical scriptures.

WALMIR AYALA



instituto de arte  
BARÃO DA TORRE

GALERIE

220

RIO DE JANEIRO

PETITE

